

À semelhança de tantos camonistas que reúnem em volumes de ensaios os seus trabalhos antes dispersos, nada falta a este volume para, honrada e brilhantemente, emparelhar com eles. Os assuntos, temas e tópicos acima apresentados surgem finamente analisados, explorados e expostos e decerto que os ouvintes que tais intervenções escutaram nos momentos celebrativos saíram delas mais ricos, mais sabedores e conhecedores da arrebatadora obra camoniana.

Tiago Veiga: *Dezassete sonetos eróticos e fesceninos*. Porto, Edições Simplesmente, 2016

Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira
Professora aposentada
mcseq@ufp.edu.pt

“E assim que começamos a perguntar como se deve ler um livro, deparamos com o facto de os livros diferirem uns dos outros (...). A nossa atitude tem de estar sempre a mudar – isso é claro. A livros diferentes, devemos pedir qualidades diferentes.”

(Virgínia Wolf, *Ensaios Escolhidos*)

Acrescentaria a Virgínia Wolf:

Quando um texto deriva intrinsecamente de outro, não pode ser entendido sem se justificar a base do seu nascimento. Neste caso, impossível entender os “*Dezassete Sonetos*”, sem nos pronunciarmos (ligeiramente que seja), sobre a possível ficção que está subjacente ao “autor” deste livro, apresentado como Tiago Veiga, “pessoa” anteriormente biografada por Mário Cláudio, num longo, surpreendente livro, cujo percurso se desenvolve em cerca de 800 páginas (*Tiago Veiga – Uma Biografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote: 2011)

De facto, ao instituir como biográfica a história de Tiago Veiga, Mário Cláudio, estabeleceu um pacto de leitura baseado na *realidade* da personagem (neste caso, dado como bisneto de Camilo Castelo Branco, porquanto filho do seu neto, ilegítimo, Inácio Manuel dos Anjos) – *realidade* sustentada na sua “verdade” física, psicológica e social, instituindo, para efeito dessa sustentação,

índices que a circundam e definem como tal, tendo sempre, como base argumentativa, um mundo de referência, isto é, todos aqueles factores que poderão, com eficácia e dados aparentemente concretos, “suspender a descrença”. Neste caso, factores que funcionam (interseccionando-se) a dois níveis: o icónico e a substância diacrónica da escrita do biógrafo, completada por notas e textos “autênticos”, como que repetindo, de certo modo, Frédéric Pajak

J'ai souvent comparé ça au cinéma, ou la phase finale est le montage (...) à partir des éléments que sont notes de lecture, textes, dessins, se construisent en réalité plusieurs livres¹

Desta forma, a escrita de Mário Cláudio é, no “livro – fonte” daquele que pretendemos recensear, aberta e alimentada por blocos de imagens que vão documentando, numa espécie de *mise en abyme*, a verdade do texto. De facto, o plano que a este subjaz como que segue uma lógica argumentativa que pretende unir e certificar, redundantemente, a história de uma vida, balizada por uma relação de amizade do biografado com o seu biógrafo – relação que se alicerça num jogo estratégico, em que dificilmente “saberemos onde acaba a verdade e começa a mentira”², mas onde a imagem ilumina fragmentariamente os passos dessa vida, como que documentando (e antecedendo-as) as palavras do poema de Manuel Gusmão:

O silêncio levantou voo e fez mira...
...a mão dispara ao retardador
sobre as coisas fotografadas, apaga o seu enquadramento
elege e reencontra um pormenor
o fragmento de um fragmento.³

De facto, intercalando o relato (reproduzindo-o), inserem-se, paulatinamente, três secções de imagens, que confirmam, documentalmente, reiterativamente (numa espécie de fotobiografia

¹ Pajak, F. 2002: 60

² “Tiago Veiga deixou o seu biógrafo esgotado, mas feliz por ter percorrido esta vida. E entusiasmado na hora de explicar o que é ter licença para inventar uma personagem tão vasta que talvez nunca tenha realmente existido. Este livro é um jogo que *não sabe onde acaba a verdade e começa a mentira...*” (Rui Lagartinho, Entrevista a Mário Cláudio, em *Ípsilon*, 01/07/2011). Sublinhado nosso.

³ Gusmão, M. *Pequeno Tratado das Figuras*. Assírio & Alvim: 2013: 59

complementar), a evolução da vida do biografado, confirmada, através de fotografias, elementos contextuais (que desenhavam a evolução política e cultural do país e do mundo), cópias de cartas, de poemas, e mesmo fotografias com o seu biógrafo, passíveis de confirmar a relação de amizade e confiança que justifica a entrega, para divulgação posterior, da sua vasta produção escrita, como é referido na badana do texto em análise, e cumprido, em parte, com a publicação de *Sonetos Italianos* (Asa, 2003), *Gondelim*, (Quase, 2008), *Do Espelho de Vénus* (Arcádia, 2010) e, neste ano, *Dezassete Sonetos Eróticos e Fesceninos* – livro que procuraremos recensear.

2. Pondo entre parênteses, a questão da autenticidade do autor destes sonetos, importa referir, no entanto, que, interessantemente o nome de Mário Cúdio desaparece da capa, dando lugar, inteiramente, isoladamente, ao “autor” Tiago Veiga, como conclusão de um processo lento de substituição ou de uma transferência do nome de aparente editor, para autor da “Introdução”, com uma nítida, exposta, intenção: a de, didacticamente, nos explicar a importância destes sonetos para a completa compreensão da obra do “seu autor”, Tiago Veiga.

Escritos já na senectude da vida de Tiago Veiga, e tendo como musa, a afilhada Susana – neta de uma cozinheira antiga da casa dos Anjos, os 17 sonetos precedidos de um importante, esclarecedor Prefácio de Martinho Soares são ainda enriquecidos, desde a capa, por desenhos do recentemente falecido, grande escultor José Rodrigues.

Desde a capa, o teor e a base que sustentam os 17 sonetos (o número mereceria talvez uma possível interpretação histórica, literária e litúrgica) são confirmados pelo título (sonetos “eróticos”), e (superlativamente) “fesceninos” – o que, de imediato, nos faz entrar num campo que a literatura procurou esconder ao longo da história, campo esse (ou “gaia ciência”) que, empurrando o leitor para dentro do livro, o empurra também para fora dele, para o subtexto que envolve estes sonetos, desde (entre muitos outros) a cartilha amorosa, *Arte de Amar*, de Ovídio, passando pelas cantigas de escárnio e maldizer, pelo nosso Bocage, pelas *Liaisons Dangereuses* de Coderlos de Laclous ou, teoricamente, pelo *Retrato do Verdadeiro Libertino* (“le voluptueux qui raisonne”) de Roger Vailland...

A *Arte de Amar* de Ovídio - traduzida, recentemente para português por Carlos Ascenso André - fora-o já, em 1970, por David Mourão Ferreira, para a Editora Panorama, envolvendo, na tradução, os três livros que iremos encontrar dispersos nos sonetos de Tiago Veiga, nomeadamente, os «lugares mais adequados» que surgem, como pinturas enquadradoras, nomeadamente, nos sonetos III, VII ou X; menos favorecidas, mas inteligentemente interpretadas pelo “velho sátiro”, “as formas (em todos os sonetos perseguidas) de conservar e prolongar qualquer amor”; e, “os conselhos (dados directamente, às mulheres) que possam torna-las (...) aptas para as doçuras e para os arrebatamentos do amor...”, conselhos esses, que, sem o declarar, foram, intuitivamente, sabidos e interpretados, pela ninfeta Susana.

Interessantemente, é bom que o observemos, David Mourão Ferreira surge-nos no entrecho de *Tiago Veiga – Uma Biografia*, a pp 653, aquando da entrega a Mário Cláudio do “Grande Prémio de Romance e Novela” da APE, em 1985... lá se encontraram com ele, o premiado, Tiago Veiga e Susana, mas, prestamente, acatadamente, Tiago Veiga partiu com a afilhada, depois do efusivo abraço ao premiado...

Postas estas rápidas palavras (para um rápido livro, de 37 páginas), concluímos, deixando para os leitores somente este envoltório intertextual, como que a convidá-los para fazer a própria, pessoal, leitura, voraz, como voraz foi a tardia paixão do velho Tiago, aqui penosamente, expressa:

Os frutos que, no Éden, pela tarde,
matavam o furor da nossa fome,
mantendo esse desejo, que sempre arde
que mão os colhe agora, quem os come?

(...)

Amor não há, porém, que enfim resista,
A um fruto mais morder, de impaciência,
E valha o que valer a gaia ciência.
(soneto XI)